

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NOS ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Luana Karina Bonatto¹, Cibele Fernandes da Costa² e Mara Eliane Schirmer³

RESUMO

O presente artigo discute o surgimento da educação não formal, as características das diferentes práticas de educação não formal, informal e formal e o exemplo de prática de educação não formal que acontece no Centro Municipal de Atividades Educacionais Aprender, CEMAE Aprender, de Igrejinha/RS. A partir das experiências vivenciadas neste projeto e tendo como base as reflexões freireanas, pretende-se lançar um novo olhar da sociedade para este espaço que também é de ensino e aprendizagem, diálogo, autonomia e cuidado.

Palavras-chave: Educação não formal; humanização; diálogo

Conceito de Educação Formal e Informal

A educação formal está atrelada a obrigatoriedade, ao ensino associado a programas curriculares gerais aprovados e reconhecidos por órgãos competentes. A esta modalidade de educação associamos as escolas, universidades, consideradas instituições tradicionais de ensino.

A educação informal é aquela que acontece nos diversos espaços da cidade, está vinculada as relações de vida, com o meio em que estamos inseridos, com as nossas escolhas, com os tipos de livros que lemos e programas de televisão que assistimos. Todo esse contexto gera aprendizagens de vida. Podemos dizer que aprendemos espontaneamente a partir do meio que estamos vivendo.

¹ Luana K. Bonatto é graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci- UNIASSELVI e Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados- UNIGRAN. É Coordenadora dos Centros, Anos Finais e EJA diurna da Secretaria de Educação de Igrejinha. smeluana@gmail.com

² Cibele Fernandes da Costa é graduada em Pedagogia pela Faculdade de Taquara-FACCAT e Especialista em Educação Especial pela Universidade Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS. É coordenadora dos Anos Finais e EJA da Secretaria de Educação de Igrejinha. smecibele@gmail.com

³ Mara Eliane Schirmer é graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci- UNIASSELVI e Especialista em Gestão, orientação e supervisão escolar pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci- UNIASSELVI. É coordenadora dos Anos Iniciais e CEAAK da Secretaria de Educação de Igrejinha. smemarapedagogico@gmail.com

A cultura popular é muito forte dentro da perspectiva de educação informal e também da não formal, pois muitas vezes são aprendizados que passam de geração para geração.

A educação informal não é direcionada, organizada e planejada, acontece através das experiências e escolhas dos sujeitos.

Surgimento e Conceito da Educação Não Formal

Sabemos que a formação permanente faz parte da vida dos sujeitos, se faz necessário desenvolver as diferentes competências e habilidades ao longo da vida, isso pode ser desenvolvido através da aprendizagem em diferentes contextos, formais, não formais e informais, se apresentando mais eficiente em uns do que nos outros.

A educação não formal surgiu na década de 50. Em 1967, na conferência sobre a crise mundial da educação, foi oficializada. O principal objetivo desta prática era resolver os problemas da educação formal em uma sociedade que se mostrava cada vez mais desenvolvida e que exigia dos sujeitos nela inseridos diferentes práticas e ações.

Em 2000, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, reconheceu a educação não formal como uma prática educativa.

No ano de 2004 a Comissão Europeia reconheceu que a identificação e validação da aprendizagem não formal e informal tem lugar dentro e fora do ensino e formações formais, no local de trabalho e na sociedade civil.

A educação não formal é vista como complementar e não contraditória ou alternativa ao sistema de educação formal e deve, pois, ser desenvolvida em articulação permanente quer com a educação formal, quer com a educação informal.

Atualmente encontrar um modelo de educação totalmente “puro” de educação formal e não formal é muito difícil, pois hoje em dia as aprendizagens, os princípios pedagógicos e as metodologias estão cada vez mais próximas umas complementando as outras. Isso é muito positivo, pois mostra que a educação vem avançando nas suas práticas. Apenas não teremos resquícios de educação não formal em uma escola que seja extremamente tradicional na sua prática.

A educação não formal é aquela que se aprende no “mundo da vida”, através dos processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços de ações coletivas. O aprendizado gerado nestes espaços está vinculado a intencionalidades e propostas. Segue-se um roteiro e uma proposta pedagógica.

“*Ninguém lê o mundo isolado*”, diz PASSOS ao explicar que, para FREIRE, a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Ou seja, são as concepções elaboradas a partir das vivências que possibilitam ampliar o repertório de possibilidades. E o CEMAE propicia momentos para este exercício. O exercício da palavra amplia a leitura de mundo, no momento em que exercita o diálogo com o outro e isto influencia na aprendizagem formal, escolar.

Na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos. A participação dos indivíduos é optativa, mas ela também pode ocorrer por força de certas circunstâncias de vivências históricas de cada um, em seu processo de experiência e socialização.

A educação não formal não é herdada, é adquirida. Ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. O meio social onde se vive é revestido de significados culturais.

Maria da Glória Gohn, coloca que o caminho institucional aos processos educativos em espaços não formais foi aberto em 1996 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), quando define a educação como aquele que abrange “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (LDBEN, art 1º, 1996 apud Gohn, 2011: 11).

Podemos dizer que a educação não formal é um processo de aprendizagem social, que tem como foco o educando, com propostas e atividades fora do sistema formal de ensino.

Segundo Paulo Freire: “...a educação é uma forma de intervenção no mundo.” (Pedagogia da Autonomia, pg 96). Façamos a nossa parte, intervindo de forma positiva e significativa na vida dos meninos e meninas.

Temos então a educação não formal como um espaço em que a aprendizagem acontece entre todos os envolvidos. Educandos e educadores interagem e ambos ensinam e aprendem através dessas interações.

“Há um papel pedagógico e político neste processo: troca de saberes, interlocução, compartilhamento solidário. O educador não poderá se omitir de, também ele, comunicar sua leitura do mundo; tornando claro que não existe uma única leitura possível. Há tantos mundos quanto leituras possíveis dele (polissemia). Leitura alguma, entretanto, é definitiva, terminal. A palavra em mutação nos recria.” (ZITKOSKI, Jaime J.)

A aprendizagem é efetivada através do desenvolvimento de habilidades e competências que ocorrem na prática e não somente através do estudo de um currículo previamente organizado como na educação formal. A aprendizagem não formal valoriza o

“aprender a ser” e ocorre através de uma visão holística do ser humano, na qual se prioriza a aprendizagem ao longo da vida.

Um espaço de Educação não formal: CEMAE APRENDER

Centro Municipal de Atividades Educacionais (CEMAE Aprender) está localizado na cidade de Igrejinha, na região metropolitana de Porto Alegre. Atendendo crianças de 6 a 12 anos no turno inverso da escola, funciona nas dependências do Parque de Eventos Almiro Grings, onde no mês de outubro acontece o principal evento da cidade, a Oktoberfest. É mantido com verbas da Prefeitura Municipal e eventualmente conta com algumas parcerias. Sua estrutura recebe atualmente 230 crianças e é composta por equipe diretiva, pedagógica, professores, educadores, funcionários e estagiários, perfazendo um grupo de 24 profissionais.

O Projeto atende os alunos no turno inverso, com vistas à educação de turno integral. Investe-se pedagogicamente e socialmente na formação das crianças, através da aprendizagem de valores, de diversas tecnologias e linguagens culturais, buscando proporcionar o acesso a diferentes culturas e a construção da autonomia dos sujeitos envolvidos.

A experiência do CEMAE como um espaço de educação não formal traz consigo alguns questionamentos. Qual a importância do Centro para a formação dos indivíduos que ali passam? Como contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, sem se contrapor ao papel da escola? Seria tarefa de um espaço não formal de educação desenvolver esse processo? Qual a contribuição que o Centro pode dar para a construção da autonomia de seus sujeitos aprendentes? Como estimular a autonomia? Qual nossa compreensão sobre a autonomia e a integralidade dos sujeitos? Como avaliar se este caminho está sendo percorrido de forma satisfatória? Como envolver as famílias e a comunidade em todo esse processo?

Todos estes questionamentos permeiam as atividades do Centro, que neste ano conta com uma assessoria pedagógica para a construção do seu currículo, pretende-se construir o Referencial Curricular do CEMAE abrangendo os moldes de educação não formal.

Um dos principais eixos para essa elaboração é o da escuta, onde as famílias dos nossos alunos estão sendo ouvidas através de uma entrevista sócio-antropológica realizada pelo grupo de professores, a partir daí pretende-se pensar neste currículo.

Os questionamentos que se apresentam no dia-a-dia e que ora levantamos são parte do processo, da incompletude de cada um de nós, no sentido que nos brinda Paulo Freire, que buscamos aperfeiçoar o atendimento às crianças acolhidas por nós. Segundo ZITKOSKI,

a “vocação para a humanização, segundo a pedagogia freireana, é uma marca da natureza humana que se expressa na própria busca do ser mais, através do qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar para ir além de suas próprias conquistas”.

Mais do que respostas cabais, o que pretendemos com este artigo é suscitar discussões, apontar possíveis pistas de como avançar na construção da autonomia e da integralidade do indivíduo em um espaço de educação não formal que entendemos singular. Apresentar um pouco do que fazemos é uma tentativa de contribuir neste diálogo.

Como funciona o projeto

O CEMAE atende no turno inverso da escola. Para fazer parte do projeto, a criança deve estar matriculada em qualquer escola da cidade, seja da rede municipal, estadual ou privada. As matrículas no Centro são feitas no início e durante todo o ano letivo. As turmas são agrupadas por faixa etária e nomeadas por cores.

No ano de 2015 passou-se a organizar os atendimentos do CEMAE a partir de tutorias.

A tutoria no CEMAE é um projeto com ações que buscam promover a educação emocional do indivíduo através do vínculo entre educador e educando, tendo a escuta, diálogo, amorosidade e o respeito mútuo como ferramenta na busca pela humanização.

Para que isso ocorra, é necessário que seja estabelecida uma relação de confiança pautada na ética, buscando permanentemente, através do diálogo, desenvolver de forma coletiva orientações que visam além da aprendizagem, a autonomia, a autoestima e a resiliência em situações diversas para que o educando possa crescer em sua integralidade humana.

Nesse sentido, concordamos com Moacir Gadotti quando aponta:

Enfim, o que se propõe à educação integral é a integralidade, isto é, um princípio pedagógico onde o ensino da língua portuguesa e da matemática não está separado da educação emocional e da formação para a cidadania. Na educação integral, a aprendizagem é vista sob uma perspectiva holística. (GADOTTI, 2013, p. 41-2)

Assim sendo, todos os dias a criança tem no início do projeto uma hora de tutoria todos os dias da semana com o mesmo educador, onde realizam o tema de casa da escola e trabalham questões emocionais e de vida. Após o intervalo, a criança frequenta uma oficina escolhida por ela totalizando cinco oficinas na semana. No total são ofertadas 28 oficinas,

como: oficinas de artesanato, culinária, ser e conviver, educação ambiental, jogos educativos, robótica, tênis, xadrez, dança, hip-hop entre outras.

O processo de escolha da oficina que acontece após a tutoria é riquíssimo, pois possibilita no sujeito o desenvolvimento da autonomia, onde ele identifica qual oficina ele deseja participar. Esse processo de escola acontece duas vezes ao ano, sendo assim semestral. O espaço para que as crianças definam qual oficina aderir é um momento de construção de sua autonomia. Cada um(a) tem a possibilidade de optar por aquilo que mais o(a) identifica.

Outro momento importante que faz parte da rotina do Centro é a apresentação para a comunidade. Ao longo do ano, por diversas ocasiões, alunos e alunas são convidados a se apresentar em outros espaços que não os do projeto, tais como escolas, comércio ou praças. Assim, os trabalhos realizados (canto, dança, violão, artesanato, entre outros) são mostrados para a comunidade em geral.

Mas não é só fora do projeto que os trabalhos são socializados. Nas assembleias mensais realizadas com a presença de todos e todas do turno há um espaço para a apresentação do que foi realizado naquele mês em determinada oficina. Os educandos ou professores que desejam se inscrevem para apresentar ao grande grupo. Nesses momentos também são votadas questões sobre o funcionamento do Centro, como por exemplo regras para o uso de celulares ou sobre a compra de livros. Essas reuniões gerais são organizadas pela Orientadora Educacional junto com os coordenadores eleitos de cada turma, que são os que dirigem a assembleia, caracterizando “experiências estimuladoras” de uma prática autônoma. Para Freire,

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo do *ser para si*, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2011, p. 105)

Além do grupo de coordenadores, existem as patrulhas compostas pelos alunos, de adesão voluntária, que ajudam em diversas tarefas e desafios do cotidiano. A **Equipe de Apoio** ajuda a instalar equipamentos, a **Patrulha do Verde** a cuidar do parque, a **Patrulha Cidadã** apresenta e representa o Centro, a **Patrulha do Recreio** cuida dos brinquedos e a **Patrulha do Conte até Dez** auxilia na resolução de conflitos.

O planejamento das aulas nas oficinas é feito pelos(as) professores(as) e socializadas com o Coordenador Pedagógico, que auxilia na construção da interdisciplinaridade das temáticas, na sugestão de ideias e na formação continuada. Este atendimento acontece mensalmente, além das reuniões pedagógicas ou dos planejamentos coletivos (seis paradas ao

longo do ano, não letivas, onde os professores se reúnem para planejar.) que acontecem em dias previamente agendados pelo calendário previsto pela Secretaria de Educação.

O Centro é orientado por uma Coordenadora Geral da Secretaria de Educação, que além de acompanhar o cotidiano, intermedia a relação com outros órgãos do município como o Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, o Conselho Tutelar, a Secretaria da Saúde, entre outros. Este acompanhamento é fundamental não apenas do ponto de vista do suporte administrativo e pedagógico mas também em relação a algumas vagas específicas, nominadas “vagas sociais”, por serem encaminhamentos de pessoas em situação extrema de vulnerabilidade física ou social.

Em sua estrutura, ainda conta com o apoio de acompanhamento nutricional da Secretaria de Educação, merendeira e auxiliares de serviços gerais. Os estudantes recebem merenda e os materiais para o desenvolvimento das diferentes oficinas, custeado pela mantenedora. Os alunos moradores dos bairros mais distantes recebem transporte escolar gratuito.

Considerações finais

A promoção da educação nos diferentes espaços é sem dúvida essencial para a construção de um mundo melhor tão sonhado pelas sociedades atuais. Paulo Freire sempre foi defensor dos menos favorecidos, defendendo a oportunidade da educação a todo cidadão. Acreditava em uma educação construtora do conhecimento, este gerado através do debate e do diálogo com respeito. Na dimensão da boniteza, a vida há que ser bonita, não só na vida do indivíduo, mas na realização de um povo. Quando a boniteza está em pauta, a realização de um povo e comunidade está sem dúvida voltada para uma educação de qualidade. Desta forma:

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (FREIRE, 1979)

Uma Educação não formal em ambientes diversos, precisa promover novas formas de aprendizagem, estabelecer uma relação com a comunidade e a cidade em que está inserida, tornando a aprendizagem dos sujeitos de fato significativa. Lança-se assim o desafio de educar-se na, com e para a cidade.

A educação deve ser um processo de humanização e libertação, somos professores de gente. Precisamos olhar para os sujeitos com possibilidades, precisamos reumanizar o mundo e a sociedade. Devemos aprender a ser gente com mais boniteza. Semear a esperança de uma vida mais bonita e mais alegre.

A Educação deve ficar além dos conteúdos, precisa deixar marcas emocionais. São as vivências que marcam. E a educação não formal promove essa possibilidade, no momento em que os indivíduos possuem a oportunidade de interagir uns com os outros, de aprender e ensinar com os seus saberes e experiências de mundo e isso dá significado ao objeto em estudo.

Consideramos importante uma articulação entre a educação formal e a não formal, para viabilizar maiores possibilidades de aprendizagens significativas aos educandos, nas quais são promovidos o diálogo, a autonomia e a cidadania entre todos os sujeitos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil**. Instituto Paulo Freire. São Paulo, 2013.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

STRECK, Danilo R. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 2ed. Rev. amp. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

XAVIER, Maria Luisa M. de Freitas. **Educação Integral nas diretrizes curriculares nacionais e a exigência de um novo ordenamento curricular**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.